

Relatório de Estágio Curricular Obrigatório

Eduardo Furtado Rosa Couto

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM MEDICINA VETERINÁRIA NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS

Curitiba

2019

EDUARDO FURTADO ROSA COUTO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM MEDICINA
VETERINÁRIA NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS
ANIMAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais
do Campus de Curitibanos da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito parcial para a
obtenção do Título de Médico Veterinário.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Tavela

Curitibanos - SC
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Couto, Eduardo Furtado Rosa

Relatório de estágio curricular obrigatório em
medicina veterinária na área de clínica médica e
cirúrgica de pequenos animais / Eduardo Furtado
Rosa Couto ; orientador, Alexandre de Oliveira
Tavela, 2019.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,
Curitibanos, 2019.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. rotina médica,
atendimentos, cães, gatos. I. Tavela, Alexandre de
Oliveira. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III.
Título.

Eduardo Furtado Rosa Couto

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM MEDICINA
VETERINÁRIA NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS
ANIMAIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Médico Veterinário” e aprovado em sua forma final pela seguinte banca:

Curitiba, 05 de julho de 2019.

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Tavela
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Tavela
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Fernanda Magrini da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Rogério Luizari Guedes,
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos médicos veterinários, Dr. Luiz Stolf e Dr. Luiz Caian Stolf, pela oportunidade de acompanhá-los na rotina clínica, pela calma e disposição para ensinar, estimulando o raciocínio e a busca pelo conhecimento, bem como a todos os médicos veterinários e demais funcionários que atuam na Clínica Veterinária Cães e Gatos, todos foram muito importantes, tornaram o estágio um ambiente acolhedor, onde todos trabalham unidos visando o bem estar dos animais.

Agradeço especialmente o meu orientador, o qual considero um amigo, professor médico veterinário Dr. Alexandre de Oliveira Tavela, que não mediu esforços para me orientar, me ajudando a conduzir da melhor forma a descrição deste trabalho, sou imensamente grato pelas orientações e conhecimento compartilhado.

Aos meus pais não existem palavras que possam descrever o quanto sou grato, Maria Lúcia Furtado e Maurício Rosa Couto, sem eles nada seria possível. Aos meus irmãos e toda família, pessoas que tornam a vida mais leve e com verdadeiro significado.

Aos bons amigos que a vida presenteou, sem dúvida alguns fizeram parte e contribuíram muito nessa caminhada, sou grato pelo simples fato de saber que eles existem. Nicole, Onna, Cora e Zeco, participaram diretamente da minha formação, me ajudaram a ser melhor, despertaram os melhores sentimentos que já pude sentir.

Gratidão aos professores, fonte de amor e conhecimento, serei eternamente grato pela nobreza no ato de ensinar e pelo conhecimento compartilhado.

Agradeço à Deus por me guiar no melhor caminho, por poder contribuir de alguma forma pela sobrevivência dos animais, pela vida como um todo.

RESUMO

Este trabalho relata as atividades vivenciadas durante o estágio curricular obrigatório supervisionado, descreve o ambiente de trabalho do Médico Veterinário da clínica de pequenos animais e o traz o levantamento da casuística acompanhada entre os meses de janeiro e abril de 2019. O estágio foi realizado na Clínica Veterinária Cães e Gatos, município de Lages, Santa Catarina, sob a supervisão do Médico Veterinário Luiz Caian Stolf e equipe. Atuando nas áreas de clínica médica e clínica cirúrgica de cães e gatos, foi possível desenvolver habilidades práticas durante o acompanhamento das consultas, bem como nos demais procedimentos realizados, além de aprimorar o senso crítico frente às situações e problemas da rotina da clínica, contribuindo para a formação e crescimento profissional.

Palavras-chave: rotina médica, atendimentos, cães, gatos.

ABSTRACT

This work reports on the activities developed during the supervised curricular traineeship, describes the work environment of the veterinarian of the small animal clinic, and the casuistry followed, showing the relevance of the internship in the training of Veterinary Medicine students. This stage occurred in the Veterinary Clinic of Dogs and Cats, in the municipality of Lages, Santa Catarina. Acting in the areas of medical and surgical clinical practice of dogs and cats, it was possible to develop skills during the follow-up of consultations and other practices, as well as to improve the critical sense, contributing in the formation and professional growth.

Key words: medical routine, veterinary care, dogs, cats.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Fachada da Clínica.	13
Figura 2. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Sala de internamento. Gatil.	14
Figura 3. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Consultório de atendimento.	15
Figura 4. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Salas de exames de imagem.	16
Figura 5. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Sala cirúrgica.....	17
Figura 6. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Sala do pós-cirúrgico.....	18
Figura 7. Clínica Veterinária Cães e Gatos. Laboratório Clínico.	19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Afecções clínicas e cirúrgicas acompanhadas durante o estágio curricular supervisionado em Medicina Veterinária, no período de 07/01/19 a 07/04/19 na Clínica Veterinária Cães e Gatos, separados conforme o sistema orgânico e/ou tipos de afecções e espécie acometida.....35

Tabela 2. Afecções clínicas e cirúrgicas acompanhadas durante o estágio curricular supervisionado em Medicina Veterinária, no período de 07/01/19 a 07/04/19 na Clínica Veterinária Cães e Gatos, separados conforme o sistema orgânico e/ou tipos de afecções e espécie acometida.....36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

% Por cento

ACTH Hormônio adrenocorticotrófico

AINE Anti-inflamatório não esteroidal

BID Duas vezes ao dia

CAAF Citologia aspirativa por agulha fina

CCPA Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais

CMPA Clínica Médica de Pequenos Animais

DTUI Doença do trato inferior

DRC Doença renal crônica

ECA Enzima conversora de angiotensina

ECC Escore de condição corporal

FIV Vírus da imunodeficiência felina

Felv Vírus da leucemia felina

FC Frequência cardíaca

FR Frequência respiratória

IV Intravenoso

MPA Medicação pré-anestésica

OSH Ovário salpingo histerectomia

PIF Peritonite infecciosa felina

QID Quatro vezes ao dia

RX Raio X

SID Uma vez ao dia

TCE Trauma crânio encefálico

TPC Tempo de preenchimento capilar

US Ultrassonografia

VO Via oral

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CLÍNICA VETERINÁRIA CÃES E GATOS	12
2.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL	13
2.2 FUNCIONAMENTO DO LOCAL	18
2.3 SERVIÇOS PRESTADOS	19
2.3.1 Serviço de Clínica Médica	19
2.3.1.1 Serviço de Ortopedia	20
2.3.1.2 Serviço de Cardiologia	20
2.3.1.3 Serviço de Oncologia	21
2.3.1.4 Serviço de Dermatologia	21
2.3.1.5 Serviço de Oftalmologia	22
2.3.1.6 Serviço de Fisioterapia	22
2.3.1.7 Serviço de Acupuntura e Ozonioterapia	22
2.3.2 Serviço de Clínica Cirúrgica	23
2.3.3 Serviço de Diagnóstico por Imagem	24
2.3.4 Serviço de Anestesia	25
2.3.5 Serviço de Patologia Clínica	25
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	26
4. CASUÍSTICA	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário do mercado de trabalho, nas distintas atividades que exerce o médico veterinário, é fundamental que o profissional esteja capacitado para atuar em sua área de escolha. São necessários profissionais competentes, que sejam dotados de valores éticos e senso crítico, que possam contribuir com a sociedade como um todo, influenciando de forma positiva as futuras gerações.

O estágio curricular obrigatório supervisionado é o momento de colocar em prática o conhecimento adquirido durante a graduação, de unir o conteúdo teórico com as vivências diárias na rotina prática, além de ser um período importante para conhecer os desafios do “ser” médico veterinário, onde os detalhes técnicos agregam valores na formação, refletindo no crescimento profissional.

O estágio foi integralmente realizado na Clínica Veterinária Cães e Gatos, localizada na cidade de Lages, Santa Catarina. Sob a supervisão do Médico Veterinário Luiz Caian Stolf e orientação do professor Médico Veterinário Dr. Alexandre de Oliveira Tavela. Foi possível acompanhar as atividades dos setores de Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, do dia 07 de janeiro até 07 de abril de 2019, resultando em 480 horas/relógio (ou 576 horas/aula).

Portanto, este relatório foi descrito com a finalidade de demonstrar a importância do estágio curricular obrigatório supervisionado, retratando o local de trabalho e os serviços prestados pela clínica, além de apresentar a casuística acompanhada e as atividades desenvolvidas nesta etapa.

2. CLÍNICA VETERINÁRIA CÃES E GATOS

No ano de 1991, a Clínica Veterinária Cães e Gatos (Figura 1) iniciou suas atividades no município de Lages, Santa Catarina, fundada pelos médicos veterinários Luiz Stolf e Magali Gnewuch Stolf, onde inicialmente atuavam em parceria nas diferentes áreas da empresa. Atualmente, a clínica se destaca pela qualidade nos serviços prestados, apontada como referência na região, buscando oferecer ao seus clientes a melhor estrutura, profissionais qualificados, equipamentos e tecnologia de última geração, para proporcionar um serviço de excelência na área da clínica médica de pequenos animais (CMPA) e clínica cirúrgica de pequenos animais (CCPA).

Figura 1 – Clínica Veterinária Cães e Gatos: fachada da clínica.



Fonte: Acervo CÃES E GATOS (2018).

Além do atendimento clínico e procedimentos cirúrgicos, a Clínica Veterinária Cães e Gatos disponibiliza outros serviços, tais como: radiologia digital, ultrassonografia, ecocardiografia, eletrocardiografia, endoscopia, anestesia inalatória, análises clínicas, microscopia cirúrgica, cardiologia, oftalmologia, ortopedia, dermatologia, oncologia, fisioterapia, acupuntura, crioterapia, ozonioterapia, internamento, estética, *pet shop*, busca e devolução de animais para os serviços de estética. Para cumprir todos estes serviços, a clínica conta com sete médicos veterinários, auxiliados por oito estagiários durante o período de estágio, dois auxiliares de veterinário, três recepcionistas, um auxiliar de almoxarifado, dois esteticistas e um administrador.

2.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL

A Clínica conta com uma ótima estrutura, com ambiente climatizado em todos os setores, ampla recepção para os clientes, juntamente com o pet shop. Possui quatro consultórios, área ambulatorial externa, sala para atendimento de emergências, duas salas para o diagnóstico por imagem, bloco cirúrgico com antessala para paramentação, sala destinada a esterilização de materiais, sala para o pós-operatório, laboratório e almoxarifado.

Existem três salas distintas para os animais internados, sendo um gatil que comporta 12 animais, um canil (Figura 2) com capacidade para 11 cães, e, por fim, a sala de isolamento, contendo cinco baias, área reservada para os animais com doenças infectocontagiosas, além de um área externa, contendo 11 baias, destinada ao banho de sol dos animais internados que

possui área com gramado (onde ocorriam passeios curtos, possibilitando maior comodidade aos pacientes) uma sala de estética, uma cozinha, três vestiários, lavanderia, escritório administrativo e alojamento para o residente e estagiários internos.

Figura 2. Clínica Veterinária Cães e Gatos: sala de internamento (Gatil).



Fonte: Acervo pessoal.

As salas de internamento apresentam um certo padrão estrutural, sendo que todas possuem uma bancada de granito para os procedimentos, pia para higienização das mãos, armários para o armazenamento dos materiais de consumo diário, rações, potes para água e comida, pranchetas, prontuários, e, os medicamentos de cada paciente, além de compartimentos para cobertores limpos e sujos, lixeira comum e coletor de material perfuro cortante. As baias são revestidas internamente por azulejos e granito. Todas possuem portas de vidro, exceto as baias do gatil que são fechadas com grades de ferro. Na sala de isolamento também se encontra uma incubadora e um aparelho para nebulização.

Na recepção é realizado o processo de triagem, onde cada cliente possui um cadastro contendo os dados do animal e do tutor, otimizando o trabalho do médico veterinário. Os recepcionistas encaminham os animais e tutores para cada setor solicitado, sejam para consultas, visitas de animais internados, estética (banho e tosa), além de ser o local de venda dos produtos do *pet shop*. Neste mesmo ambiente, antes de entrar para ala dos consultórios, há uma balança para pesagem dos animais, mesmo local onde há uma campainha, acionada pelos recepcionistas em casos de atendimento de emergência.

Cada um dos consultórios (Figura 3) possui uma mesa de aço inox para avaliação semiológica dos pacientes, mesa com computador e impressora, negatoscópio de mesa para

análise das radiografias na presença dos proprietários, duas poltronas, pia para higienização das mãos, armários e bancadas, onde são dispostos os materiais que são utilizados rotineiramente, tais como: termômetro digital, estetoscópio, otoscópio, luvas de procedimento, gaze, algodão, esparadrapo, álcool 70%, álcool iodado, iodopovidona, água oxigenada, desinfetante, martelo ortopédico, tesouras, pinça hemostática, papel toalha, cotonetes, lâminas, lamínulas, lixeira e coletor de material perfuro-cortante.

Figura 3. Clínica Veterinária Cães e Gatos: consultório de atendimento.



Fonte: Acervo pessoal.

A área ambulatorial externa localiza-se estrategicamente no centro da clínica, onde são realizados os procedimentos necessários após a avaliação inicial nos consultórios, possui uma mesa de granito e outra de aço inox, tricótomo, pia para higienização, lixeira comum, coletor de material perfuro cortante, além de todos os itens de uso de rotina encontrados em cada consultório.

Na sala destinada ao atendimento de emergências, encontra-se uma mesa de aço inox, estetoscópio, termômetro, tricótomo, soluções, equipos (micro e macrogotas) e cateter de todos os tamanhos para fluidoterapia, luvas, seringas, agulhas, escalpes, pinças, tesouras, lixeira, coletor de material perfuro cortante e todos os materiais utilizados na rotina, já citados anteriormente, além de equipamentos necessários para estabilizar o paciente em estado crítico, tais como: colchão térmico, máscaras e cilindros de oxigênio, prateleiras para o armazenamento de fármacos de emergência, traqueotubo de todos os tamanhos, laringoscópios, ambu para ventilação mecânica.

Para o diagnóstico por imagem, a clínica conta com duas salas (Figura 4), sendo uma delas destinada ao aparelho de radiografia contendo paredes baritadas, porta chumbada e sinalização luminosa externa, há uma mesa de comando com biombo chumbado para proteção do operador, um porta avental com três aventais chumbados, protetores de tireoide e um pedal móvel de disparo. Após a realização do exame, o chassi é retirado do aparelho e encaminhado para segunda sala, onde a imagem é detectada através de sensores e enviada diretamente para o computador para avaliação do especialista. Neste mesmo ambiente acontecem os exames de ultrassonografia (US), ecocardiografia e eletrocardiografia.

Figura 4 - Clínica Veterinária Cães e Gatos: salas de exames de imagem.



Fonte: CÃES E GATOS (2018).

Além do aparelho ultrassonográfico, a sala de ultrassonografia possui dois computadores e duas impressoras, sendo um deles destinado às imagens da radiologia digital, e o outro à realização de laudos e impressões convencionais. Também conta com uma mesa de ferro dobrável, ajustada para cada tipo de exame. Há uma prateleira com alguns materiais utilizados nos procedimentos, tais como: gel condutor para US, álcool, água oxigenada, seringas, papel toalha e compressas para limpeza do abdômen após o exame.

O bloco cirúrgico é composto por uma sala para esterilização de materiais, uma antessala para antissepsia e paramentação, uma sala cirúrgica e uma sala para o pós-operatório. A sala de esterilização contém duas autoclaves, duas bancadas para organização do material, pia para higienização, lixeira comum, coletor de descarte de materiais perfuro cortantes e armários para armazenamento dos materiais estéreis. Na sala de antissepsia há uma pia para higienização das mãos (com acionamento por pedal), uma bancada de granito, uma lixeira comum e outra para descarte dos materiais biológicos, além de armários para armazenamento dos materiais

utilizados na rotina, tais como: endoscópio, esfigmomanômetro, instrumentais cirúrgicos esterilizados e campos estéreis, prontuários, fichas anestésicas, máscaras, luvas e toucas descartáveis.

A sala cirúrgica (Figura 5) contém uma mesa de inox regulável (altura e inclinação) para os procedimentos cirúrgicos, com suporte para fluidoterapia e bandejas de apoio para os materiais da anestesia e de antissepsia, uma mesa de inox para os instrumentais cirúrgicos com suporte inferior destinado aos produtos de antissepsia, foco cirúrgico pedestal, negatoscópio de parede, aparelho de anestesia inalatória, equipamento de monitoramento das funções vitais no trans cirúrgico, saídas de oxigênio, bomba de infusão contínua, uma prateleira com traqueotubos de diferentes tamanhos, laringoscópios e outros materiais de uso de rotina.

Figura 5. Clínica Veterinária Cães e Gatos: Sala cirúrgica.



Fonte: Acervo pessoal.

O ambiente do pós-operatório (Figura 6) possui quatro baias de aço inox com divisórias removíveis, permitindo que seja utilizado por animais tanto de pequeno quanto de grande porte. Esse é o local destinado aos pacientes que passaram por qualquer procedimento cirúrgico ou necessitem de cuidados mais intensivos durante o internamento, contando com uma mesa de inox para os procedimentos, um aparelho de anestesia inalatória, bomba de infusão contínua, tubos endotraqueais, laringoscópios, saídas de oxigênio, suportes para fluidoterapia, tricótomo, micro-ondas para aquecer pacotes de aveia para os pacientes com a temperatura reduzida, uma caixa de cobertores, um armário para o armazenamento dos equipamentos de proteção utilizados nas sessões de quimioterapia, além de uma bancada com materiais de uso de rotina e

materiais para os procedimentos de profilaxia dentária, também possui uma lixeira comum e coletor de material perfuro-cortante.

Figura 6. Clínica Veterinária Cães e Gatos: Sala do pós-cirúrgico.



Fonte: Acervo pessoal.

O almoxarifado é o local de armazenamento dos materiais utilizados na clínica, desde medicamentos até os produtos de consumo diário. O ambiente é bem organizado e conta com diversas prateleiras com identificação abaixo de cada produto, tornando o trabalho mais prático e eficiente. Além disso, a sala comporta um frigobar para os medicamentos que devem ser mantidos refrigerados e uma geladeira para o armazenamento das vacinas. Também possui um armário com tranca destinado aos medicamentos controlados e uma escrivaninha com um computador, onde são registrados os materiais utilizados em cada paciente.

O laboratório clínico (Figura 7) dispõe de uma ampla bancada, onde ficam os equipamentos utilizados na realização de diversas análises clínicas, tais como: microscópio, analisador hematológico automático, analisador bioquímico, homogeneizador de tubos com amostras de sangue, refratômetro, centrífugas, lâminas, lamínulas, pipetas, pipetadores, capilares, tubos de coleta, reagentes, além de uma geladeira para o armazenamento de amostras, uma escrivaninha com um computador e impressora para elaboração dos laudos e registro dos exames realizados, um armário com os testes rápidos e materiais de consumo diário, estufa esterilizadora, destilador de água, pia, lixeira comum e coletor para descarte de materiais perfuro cortantes.

Figura 7. Clínica Veterinária Cães e Gatos: Laboratório Clínico.



Fonte: Acervo pessoal.

2.2 FUNCIONAMENTO DO LOCAL

Atualmente, a clínica possui atendimento 24h, durante todos os dias da semana, sendo que há funcionamento em horário expandido nos dias úteis, das 7h30min às 19h30min, com a equipe intercalando os horários neste período, e, posteriormente o horário de plantão nas outras 12h, sempre contando com um médico veterinário residente e um estagiário interno. Nos finais de semana, a clínica permanece com as portas abertas das 8h às 16h nos sábados, e, aos domingos das 10h às 12h no período da manhã, e, das 16h às 18h no período da tarde, sendo os demais horários cobertos por plantonistas.

Na recepção, é realizado o cadastro de cada paciente por ordem de chegada, e, posteriormente, estes são encaminhados para consulta com o médico veterinário. Além de cada profissional possuir uma agenda para consultas, conferindo prioridade de atendimento no horário pré-agendado. Esse fluxograma é alterado apenas em casos de emergência, sendo que nestas situações é acionada uma campanha pelos recepcionistas e o paciente é encaminhado para o atendimento imediato na sala de emergências.

Os pacientes que necessitarem de exames complementares para o diagnóstico definitivo de suas afecções podem permanecer na clínica durante o decorrer do dia ou ficarem internados, sob observação. A clínica também recebe pacientes encaminhados por outros profissionais, sendo que estes usualmente não passam por consulta, sendo apenas realizado o procedimento solicitado, por exemplo o diagnóstico por imagem, e posterior liberação do animal.

Todos os pacientes possuem um cadastro na clínica, no qual consta o histórico clínico completo, desde os dados do paciente, o histórico de afecções e de procedimentos já realizados, medicamentos já utilizados em tratamentos prévios, exames, a técnica aplicada em casos cirúrgicos, materiais utilizados e os custos de todos os procedimentos.

2.3 CORPO CLÍNICO E SERVIÇOS PRESTADOS

O corpo clínico da Clínica Cães e Gatos conta com sete médicos veterinários, dentre eles destacam-se alguns especialistas, atuando em áreas distintas, tais como: cirurgia, radiologia, ortopedia, oncologia, clínica médica, patologia clínica, fisioterapia e acupuntura, além de prestarem serviços em outras áreas, com profissionais capacitados em oftalmologia, dermatologia, cardiologia, anestesiologia e ozonioterapia.

Conforme a queixa do proprietário, alguns pacientes passam por um processo de triagem na recepção, havendo direcionamento para o médico veterinário responsável por determinado serviço especializado prestado na clínica, otimizando os procedimentos que devem ser realizados nas consultas.

2.3.1 Serviço de Clínica Médica de Pequenos Animais (CMPA)

Os serviços de CMPA são realizados por todos os médicos veterinários que atendem na clínica, exceto o patologista clínico. Inicialmente, o profissional responsável avalia o histórico do animal através dos dados coletados pelos recepcionistas, para então solicitar a entrada do paciente ao consultório, devidamente acompanhado pelo tutor. No consultório é realizada anamnese completa sobre o paciente, buscando detalhes que podem auxiliar no diagnóstico.

Posteriormente, o médico veterinário realiza o exame físico do paciente, aferindo a temperatura, coloração das mucosas, ausculta cardíaca e pulmonar, avaliando a frequência cardíaca (FC), pulso (por meio da artéria femoral), frequência respiratória (FR), nível de hidratação, palpação de linfonodos, palpação abdominal e tempo de preenchimento capilar (TPC). Este é o protocolo de rotina realizado em cada consulta, embora possa sofrer variação, dependendo da queixa relatada pelo tutor.

Conforme a suspeita clínica, o médico veterinário responsável pelo caso, informa e explica para o tutor sobre os possíveis exames complementares que devem ser feitos para auxiliar no diagnóstico, podendo ser solicitado alguns exames destinados ao laboratório de análises clínicas ou para o setor de diagnóstico por imagem.

Assim que os laudos são liberados pelo laboratório e/ou setor de diagnóstico por imagem, o médico veterinário entra em contato com o proprietário para informar o diagnóstico, esclarecendo detalhes sobre o caso e prescrevendo a melhor forma de tratamento, podendo ser agendado o retorno do paciente ou mantê-lo internado sob os cuidados da clínica durante a recuperação. Além das consultas e exames de rotina, a CMPA atende diversos pacientes para cumprir o protocolo de vacinação.

Alguns casos que passam pela CMPA são encaminhados para o setor de Clínica Cirúrgica, onde o cirurgião contribui na avaliação do quadro clínico do paciente e determina se o procedimento é classificado como situação de emergência ou eletiva, conduzindo o caso da melhor forma até o momento da intervenção cirúrgica.

2.3.1.1 Serviço de Ortopedia

Os pacientes com suspeita de problemas ortopédicos passam por avaliação minuciosa, na qual o médico veterinário busca identificar qualquer alteração que possa comprometer a saúde do paciente, visto que se faz necessária anamnese completa e especializada, principalmente se a lesão for traumática.

Inicialmente é observado a postura do animal em estação, seguida dos movimentos durante a caminhada (se for possível), avaliando se há instabilidade articular e/ou manifestação de dor de origem no sistema locomotor. Posteriormente, é realizado o exame físico completo de todos os membros, começando por uma palpação da região potencialmente acometida e concluindo com algumas manobras ortopédicas das possíveis áreas lesionadas. Esse protocolo se soma aos exames radiográficos, buscando se obter mais detalhes sobre a lesão.

Após a identificação da lesão, o médico veterinário realiza as recomendações necessárias ao tutor, estabelecendo a terapêutica a partir de medicamentos e/ou encaminhando o paciente para os serviços de fisioterapia ou para intervenção cirúrgica.

2.3.1.2 Serviço de Cardiologia

Antes de iniciar os exames específicos voltados para o sistema cardiovascular, todos os pacientes passam pelo atendimento clínico, buscando sinais que auxiliem no diagnóstico e possam caracterizar uma enfermidade cardíaca.

A combinação do histórico, exame físico, junto aos exames complementares (radiografia, ecocardiografia, eletrocardiografia e exames laboratoriais), são fundamentais para determinar a causa da doença cardíaca, permitindo que o clínico selecione a terapia apropriada

para o paciente. Posteriormente, uma nova consulta é agendada para semana seguinte, buscando avaliar o quadro clínico evolutivo do paciente frente a terapêutica aplicada.

2.3.1.3 Serviço de Oncologia

A clínica também trabalha com serviços oncológicos, contando com um especialista na área, possibilitando um atendimento criterioso no diagnóstico e tratamento do câncer. Além do exame clínico, são necessários alguns exames laboratoriais e exames de imagem para chegar ao diagnóstico e acompanhar a evolução do caso durante o tratamento.

Após os exames, o tratamento pode ser conduzido através de quimioterápicos, crioterápicos e/ou intervenção cirúrgica, podendo ser realizada a associação dos procedimentos supracitados. Os protocolos quimioterápicos são determinados de acordo com a neoplasia existente e seu estadiamento. Se a resolução escolhida para o caso for através de intervenção cirúrgica, o material é coletado e enviado para análise histopatológica, determinando a melhor conduta a ser tomada após o laudo do patologista.

O médico veterinário responsável pelo caso acompanha a evolução clínica de cada paciente, independente do tratamento aplicado na resolução do caso, seja através do tratamento médico ou cirúrgico, após os procedimentos uma nova consulta é agendada para avaliação do quadro clínico, onde é investigado se houve recidiva, relacionado a casos cirúrgicos, ou se a massa tumoral está regredindo, casos relacionados ao tratamento quimioterápico.

2.3.1.4 Serviço de Dermatologia

Os pacientes que apresentam afecções na pele passam por uma anamnese extremamente detalhada, visto que o histórico do paciente, somado às características das lesões pode fornecer indícios claros para o diagnóstico definitivo. Por outro lado, somados ao exame físico, os dados coletados na anamnese são muito importantes e podem direcionar o clínico na solicitação do exame complementar específico adequado.

A citologia, cultura microbiana e raspados de pele, são exames dermatológicos comumente utilizados na rotina, além de tricograma, fluorescência por lâmpada de Wood e biópsias. O médico veterinário conta com o auxílio do patologista clínico para analisar as amostras no laboratório, para posteriormente iniciar o tratamento mais indicado.

Após o diagnóstico, o médico veterinário realiza as recomendações necessárias para a resolução do quadro dermatológico, orienta o tutor sobre o ambiente que o paciente vive e as relações com outros animais, realiza o protocolo terapêutico e acompanha a evolução positiva

do quadro clínico do paciente, onde é agendado uma nova consulta para próxima semana, desta forma, avalia a resolução da afecção frente ao tratamento recomendado.

2.3.1.5 Serviço de Oftalmologia

Os serviços oftalmológicos buscam uma avaliação criteriosa das estruturas oculares, analisando a integridade do globo ocular, da inervação e dos tecidos adjacentes. A anamnese e exame físico são direcionados para afecções específicas do olho.

Na consulta oftálmica é utilizado um conjunto de aparelhos para auxiliar no diagnóstico, como o oftalmoscópio e o tonómetro, além de testes que proporcionam maior clareza das afecções, utilizando o teste de Schirmer, teste de fluoresceína, reflexo de ameaça, reflexo fotomotor direto e reflexo consensual.

Após os exames, o médico veterinário apresenta ao proprietário a melhor conduta, determinando se a resolução do caso é médica ou cirúrgica, se o tratamento for médico a prescrição terapêutica é realizada e o retorno é agendado para cinco dias após o diagnóstico, onde é avaliado se o protocolo prescrito anteriormente está solucionando o caso ou há necessidade de mudanças na terapia medicamentosa com recomendações complementares.

2.3.1.6 Serviço de Fisioterapia

A clínica também presta serviços de fisioterapia, contando com um profissional especializado, proporcionando cuidados específicos aos pacientes, encaminhados pelos próprios clínicos que atuam na clínica ou pelo ortopedista, além de encaminhamentos externos, onde os pacientes já chegam com o diagnóstico definitivo, visando somente as sessões de fisioterapia.

2.3.1.7 Serviços de Acupuntura e Ozonioterapia

A clínica também trabalha com medicina integrativa, dispondo de um médico veterinário capacitado em acupuntura e ozonioterapia. Com finalidade terapêutica, visando o bem-estar e equilíbrio dos mecanismos fisiológicos dos pacientes, o médico veterinário responsável por este setor, que também atua como clínico geral, trabalha com os próprios pacientes que atende durante as consultas.

Inicialmente o animal é avaliado em consulta, passando por uma anamnese e exame físico, para posteriormente ser encaminhado para as sessões de acupuntura e/ou ozonioterapia.

2.3.2 Serviço de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais (CCPA)

O serviço de CCPA conta com apenas um cirurgião responsável, o qual realiza todos os procedimentos que envolvam práticas cirúrgicas. Antes de qualquer intervenção, o paciente cirúrgico passa pelo mesmo processo de avaliação realizado na CMPA, porém, direcionando a investigação conforme a queixa relatada pelo proprietário, para posterior agendamento da data do procedimento, exceto em casos de emergência, onde a operação é imediata.

Para os pacientes destinados à CCPA, podem ser exigidos exames complementares antes dos procedimentos cirúrgicos, podendo ser realizados exames de US, radiografia, eletrocardiografia, ecocardiografia, citologias e/ou biópsias, além dos exames laboratoriais, nos quais usualmente são avaliados os perfis hematológicos e bioquímico do paciente.

Em procedimentos cirúrgicos pré-agendados, o cirurgião solicita aos proprietários que estejam na clínica nas primeiras horas da manhã, sendo que os pacientes devem estar em jejum hídrico e alimentar (exceto neonatos). Desta forma, evita-se complicações durante a anestesia, trans-cirúrgico e pós operatório, tais como: êmese, evitando uma possível pneumonia por aspiração (FOSSUM, 2014).

Após os exames necessários, juntamente com os laudos apresentando resultados dentro da normalidade, o paciente é encaminhado para a área ambulatorial externa, onde é realizada uma tricotomia ampla do local da incisão, o acesso venoso e a aplicação da medicação pré-anestésica (MPA).

Posteriormente o paciente é encaminhado para sala cirúrgica, onde a equipe anestésica já está aguardando para iniciar a indução, intubação e anestesia do paciente, simultaneamente o cirurgião e o auxiliar organizam o bloco e iniciam a antisepsia e paramentação. O auxiliar é o responsável pela organização da mesa dos instrumentais cirúrgicos, enquanto o cirurgião faz a antisepsia do local da incisão, utilizando clorexidina degermante 2% seguida de clorexidina alcoólica 0,5%, aplicadas com o auxílio de pinça de *Foerster* e gaze estéril, posiciona e fixa os campos cirúrgicos, isolando a região que será operada.

O procedimento é iniciado com a permissão do anestesista, que permanece monitorando os sinais vitais do paciente através do monitor multiparamétrico e um estetoscópio esofágico. Finalizando a cirurgia, o auxiliar é responsável pela higienização e esterilização do instrumental cirúrgico, além de recolher os campos, aventais e compressas, e, encaminhar para lavanderia. Também é de responsabilidade do auxiliar descartar o material perfuro-cortante no coletor e o material biológico na lixeira específica, exceto o que for coletado para análise histopatológica que é acondicionado em um frasco com formol a 10%.

Antes de retirar o paciente da sala cirúrgica, o anestesista aguarda pela apresentação de alguns reflexos respiratórios, mantendo-o intubado por precaução. Em seguida, o paciente é encaminhado para sala do pós-cirúrgico, onde é aquecido e monitorado até estar completamente acordado. No pós-cirúrgico, o cirurgião prescreve os medicamentos que devem ser administrados e os cuidados básicos e específicos, quando houver. Normalmente os procedimentos cirúrgicos ocorrem pela manhã e os animais tendem a receber alta até o final do dia, porém, alguns pacientes podem permanecer internados durante a noite, decisão tomada pelo médico veterinário responsável, podendo citar casos graves de piometra em estágio avançado, exérese tumoral em locais delicados que exigem curativos periódicos, fratura da coluna vertebral, entre outros.

Os pacientes internados recebem cuidados intensivos durante a permanência na clínica. Seus parâmetros são aferidos periodicamente, sendo avaliadas a FC, FR, TPC, pulso femoral, temperatura retal e coloração das mucosas, além de ser relatado se estão se alimentando, urinando, defecando ou vomitando.

Estes dados são registrados em planilhas para o acompanhamento do quadro clínico evolutivo do paciente, sendo que, assim que os parâmetros estejam dentro da normalidade, o médico veterinário responsável realiza a prescrição medicamentosa, faz o agendamento do retorno e o paciente recebe alta. Normalmente é agendado retorno para retirada dos pontos entre 7 e 10 dias após a cirurgia.

2.3.3 Serviço de Diagnóstico por Imagem

Os serviços de diagnóstico por imagem são recursos extremamente importantes na rotina da clínica, contribuindo com achados relevantes e auxiliando na obtenção de diagnósticos mais precisos. A ultrassonografia e a radiografia são exames realizados frequentemente na clínica Cães e Gatos, seja em pacientes que passam por consulta na própria clínica, ou por solicitações externas, em pacientes encaminhados por outros médicos veterinários.

As radiografias podem ser simples ou contrastadas, depende da suspeita clínica do médico veterinário, e, em alguns casos, o paciente precisa estar sedado, reduzindo processos dolorosos e/ou mantendo o paciente mais tranquilo durante o exame. No exame ultrassonográfico, é realizada avaliação detalhada da cavidade abdominal, descrevendo qualquer alteração presente.

Exames de vídeo colonoscopia e endoscopia também são serviços realizados na clínica, sendo que esses últimos ocorrem no bloco cirúrgico, pois durante os mesmos, o paciente deve

estar sob efeito de anestésicos. Em geral, são procedimentos que permitem a visualização do lúmen do tubo digestivo, possibilitando análise detalhada da mucosa, possibilitando a realização de biópsias em sítios que apresentem alterações importantes, comumente destinadas para laboratórios terceirizados.

2.3.4 Serviço de Anestesia

A anestesia é utilizada para manter o paciente inconsciente, perdendo a reação motora frente aos estímulos externos, desta forma, podendo ser realizados os procedimentos necessários para o tratamento e recuperação do animal, conferindo condições mais seguras tanto para o paciente quanto para a equipe médica.

Antes de anestésiar qualquer paciente, é realizada anamnese completa (idade, peso, sexo, espécie, raça, histórico de doenças anteriores, anestésias anteriores, se está sendo submetido à alguma terapia medicamentosa), além do exame físico e dos exames complementares (hemograma, bioquímico, eletrocardiografia, ecocardiografia, radiografia, US), com destaque para a avaliação dos perfis renal e hepático. Esse protocolo deixa de ser seguido apenas em casos de emergência, nos quais a intervenção anestésico-cirúrgica deve ser imediata. O jejum prévio a estes procedimentos é muito importante, sendo recomendável o intervalo entre 8h e 12h de restrição alimentar para sólidos, exceto para os neonatos.

Os protocolos anestésicos utilizados na clínica são variados, visto que três dos veterinários do corpo clínico atuam nesta área, e cada profissional trabalha com os fármacos que está mais habituado. Entretanto, de modo geral, na MPA normalmente é utilizado acepromazina, fármaco que alivia a ansiedade e confere um efeito tranquilizante no paciente (PIRES et al., 2000), em associação com metadona, opióide de ação analgésica, extremamente eficaz no controle da dor (LAMONT; MATHEWS, 2013). A indução anestésica comumente é realizada com propofol, considerado um ótimo anestésico devido a sua rápida biotransformação, além de não depender somente da metabolização hepática, também ocorre no intestino, pulmões, rins e proteínas plasmáticas, o que confere uma grande vantagem para o fármaco (PAPICH, 2012). A manutenção anestésica é realizada com isoflurano, anestésico inalatório associado a administração de oxigênio, proporciona maior segurança no procedimento cirúrgico, pois fornece rápida indução e recuperação, além de grande parte ser eliminado pela expiração (CAMPAGNOL et al., 2007).

2.3.5 Serviço de Patologia Clínica

O patologista clínico realiza diversos exames que auxiliam na rotina da clínica, o laboratório de análises clínicas da Clínica Cães e Gatos avalia o perfil hematológico, bioquímico, líquidos cavitários, urinálise, citológicos, pesquisa por protozoários, fungos ou bactérias, exames parasitológicos e testes rápidos (FIV/FelV, cinomose, parvovirose e coronavirose), embora exames mais complexos sejam encaminhados para laboratórios terceirizados, tais como: biopsias para histopatológico.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante o estágio curricular supervisionado obrigatório na Clínica Veterinária Cães e Gatos, realizado entre 07/01/2019 e 07/04/2019, as atividades desenvolvidas consistiam em acompanhar a rotina dos diversos setores da clínica e seus serviços, monitorar os pacientes internados, intercalando os devidos cuidados entre os pacientes da clínica médica e cirúrgica, além de auxiliar nas consultas e procedimentos cirúrgicos, em alguns procedimentos ambulatoriais e nas atividades do setor de diagnóstico por imagem.

No decorrer dos atendimentos, as funções mais comumente exercidas compreendiam na contenção dos animais, contribuindo com o médico veterinário para o exame físico, aplicação de medicamentos, vacinas, coletas de sangue, pesagem do paciente, entre outros procedimentos. No setor de diagnóstico por imagem, a função era a de auxiliar no posicionamento e contenção dos pacientes.

Atuando na clínica cirúrgica, auxiliava na preparação dos pacientes para os procedimentos cirúrgicos, participando da tricotomia, acesso venoso e aplicação da MPA, além dos cuidados específicos com o paciente durante o pós-cirúrgico. Em alguns procedimentos cirúrgicos, acompanhava o cirurgião como auxiliar ou volante, tornando-me encarregado pela organização e higienização de todo material utilizado.

Os pacientes internados eram monitorados periodicamente, todos os cuidados necessários eram tomados, desde a aplicação de medicamentos, cuidados com a fluidoterapia, exame físico, curativos, higienização, passeios, entre outros.

4. CASUÍSTICA

Durante o período de estágio na Clínica Veterinária Cães e Gatos, foram acompanhados 195 pacientes, decorrentes da clínica médica e cirúrgica de pequenos animais, dentre eles, 163 pertenciam a espécie canina (83,5%) e 32 a espécie felina (16,5%), visto que alguns pacientes apresentavam mais de uma afecção. Entre os felinos atendidos, 46,8% apresentavam afecções

do sistema genitourinário. Estes animais apresentavam doenças comumente diagnosticadas na espécie, destacando a doença do trato urinário inferior (DTUI), doença renal crônica e urolitíase. Entre os caninos, a prevalência foi caracterizada pelo sistema tegumentar, contabilizando 18,4% das afecções.

Os felinos com DTUI apresentavam histórico de disúria, alguns eram obesos e apresentavam dor abdominal a palpação. Normalmente, estes pacientes eram mantidos internados, onde era realizado alguns exames em busca da causa do distúrbio urinário, tais como: US, radiografia, hemograma, bioquímico e urinálise. Em ambos os casos, o tratamento consistiu na descompressão da bexiga através de massagem abdominal associado a terapia medicamentosa (p. ex., antibiótico, AINE, inibidor de secreção gástrica, antiespasmódico e analgésico), além da sondagem uretral, visto que a suspeita clínica foi baseada na obstrução uretral causada por tampão mucoso com desenvolvimento de cistite.

Os pacientes com doença renal crônica (DRC), normalmente apresentavam histórico de poliúria e polidipsia, no exame físico constatado fraqueza muscular e arritmia na ausculta. Ambos foram diagnosticados através dos exames laboratoriais e exame de imagem (p. ex., hemograma, bioquímica sérica, US), de forma geral, o tratamento é realizado conforme o quadro clínico de cada paciente (p. ex., fluidoterapia, suplementação de potássio, quelantes de fósforo, ômega 3, inibidor de secreção gástrica, dieta renal, antiemético, reposição de eritropoetina e sulfato ferroso).

Os pacientes com urolitíase foram diagnosticados através do exame radiográfico, na urinálise foi constatado a presença de cristais de estruvita na urina dos felinos, visto a possibilidade de dissolução através da ração renal, os tutores optaram pelo tratamento conservador. Entretanto, os cães foram encaminhados para o procedimento cirúrgico.

Durante o estágio, foi atendido um felino que apresentava abscesso na região dorsal, neste caso foi realizado a tricotomia do local e uma pequena incisão com uma lâmina de bisturi, sendo drenado o conteúdo purulento, posteriormente, feito uma limpeza com solução fisiológica e iodo povidona, o paciente recebeu antibiótico profilático e permaneceu internado em observação até o dia seguinte.

Também foi atendido um felino com suspeita clínica de peritonite infecciosa felina (PIF), apresentava letargia, hipertermia, caquecsia, desidratação, sensibilidade abdominal, linfonodos mesentéricos reativo (US), secreção e opacidade intraoculares, além de ser sorotipo positivo para FIV. A suspeita foi baseada no histórico e sinais clínicos. O paciente permaneceu internado sob observação, recebendo tratamento de suporte (p. ex., fluidoterapia,

antibioticoterapia, interferon ômega e colírio antimicrobiano), porém, como estava extremamente debilitado, acabou vindo a óbito.

Foram atendidos dois felinos, jovens, estes sofreram trauma por mordedura, onde foi realizado o exame físico detalhado em busca de escoriações e tricotomia ampla do local lesionado. Inicialmente foi feita uma limpeza com solução fisiológica e aplicado uma pomada com ação cicatrizante e antibactericida, e então realizando um curativo na lesão. Os pacientes passaram por exames radiográficos (sem alterações), e mantidos em observação até o dia seguinte. Medicados com AINE, inibidores de secreção gástrica e antibioticoterapia sistêmica, além da analgesia em alguns casos para proporcionar maior comodidade aos pacientes. Da mesma forma com os cães lesionados por mordedura, porém, nestes casos a lesão se encontrava na face, entretanto, os cuidados e tratamentos seguiram a mesma premissa.

Dentre os felinos, também foi atendido um neonato, este apresentava distensão abdominal, obstipação, desidratação, letargia, anorexia, mucosas hipocoradas e dor abdominal a palpação. Na imagem radiográfica em posição ventro dorsal, foi analisado uma leve distensão do cólon com material fecal impactado, caracterizando o fecaloma. O paciente foi internado e iniciou-se o tratamento de suporte (p. ex., fluidoterapia, antibioticoterapia e analgesia), concomitantemente, foram realizadas manobras visando a desobstrução intestinal, tais como: massagem abdominal e enema com solução fisiológica levemente aquecida. Entretanto, os procedimentos realizados na estabilização do paciente não foram suficientes, pois o mesmo veio a óbito no final do dia.

Nas afecções do sistema tegumentar, a grande maioria dos pacientes com piodermatites, foram diagnosticados através do histórico e sinais clínicos apresentados, diferenciando somente no tratamento. Os pacientes com foliculite foram tratados com amoxicilina com clavulanato (SID, VO, 21 DIAS). O paciente com pododermatite através do tratamento tópico (p. ex., tricotomia, higiene e pedilúvio com permanganato de potássio). O paciente que apresentava dermatite úmida aguda a terapêutica também foi baseada na ação tópica (p. ex., tricotomia e higiene com clorexidina 2% tópica). Exceto o cão com demodicose, diagnosticado através do raspado de pele das áreas lesionadas, e tratado com antiparasitário a base de ivermectina (QID, VO, sete dias).

A otite externa foi a que apresentou a maior prevalência dentre as afecções dermatológicas, normalmente ocorre por excesso de umidade e/ou cerúmen, mas também pode estar associada a afecções alérgicas, bacterianas, fúngicas, parasitária, entre outros (FOSSUM, 2014). Todos os casos ocorreram por um desequilíbrio das leveduras comensais do conduto auditivo (p. ex., *Malassezia pachydermis*), em alguns com associação bacteriana. O diagnóstico

presuntivo foi baseado no exame físico, apresentando hiperqueratose de coloração castanha e espessamento da pele, além do odor rançoso. Foi confirmado no exame citológico em lâmina microscópica, amostra coletada através de suabe do conduto auditivo. O tratamento consistiu na aplicação tópica com solução de limpeza otológica precedente ao fármaco com ação antibiótica e antifúngica (BID, sete dias).

Nas afecções respiratórias, três cães, senis, foram diagnosticados com bronquite, ambos apresentavam tosse improdutiva e dispneia expiratória. O diagnóstico foi baseado no histórico e sinais clínicos somado ao exame radiográfico, apresentando padrão bronquial evidente, com áreas de bronquiectasia. No tratamento foi utilizado broncodilatador (teofilina, BID, VO), corticoide (prednisona, BID, VO), e nebulização. Também foi atendido um cão, senil, grande porte, chegou por encaminhamento externo para exame radiográfico do tórax. Porém, como estava com dispneia expiratória severa, foi imediatamente encaminhado para sala de emergências para oxigenioterapia. Na ausculta foi constatado estertores pulmonares, sendo aplicado o medicamento diurético (p. ex., furosemida) no mesmo momento. Posteriormente, com o paciente mais estável, foi realizado o exame radiográfico (posição latero lateral e dorso ventral), e constatado a presença de padrão misto (alveolar e intersticial não estruturado), sugestivo de pneumonia, além da visualização da expansão torácica e retração diafragmática caudal, sugestivo de conteúdo gasoso (radiolucente), caracterizando pneumotórax. Foi realizado toracocentese e o paciente permaneceu em observação com terapêutica de suporte (oxigênio e tranquilizante), porém, não resistiu e veio a óbito. Outro caso semelhante, foi um cão, grande porte, com perfuração torácica ventral, no exame radiográfico (posição latero lateral e ventro dorsal), foi analisado expansão torácica e retração diafragmática caudal, sugestivo de conteúdo gasoso (radiolucente), caracterizando pneumotórax. Foi realizado toracocentese e prescrito a terapêutica de suporte (oxigenioterapia, curativo, analgésico, antibióticos), como o paciente já estava a dois dias com a lesão, o tutor optou apenas pelo tratamento sintomático.

Dentre as afecções ortopédicas, a displasia coxofemoral está entre as mais comuns na espécie canina, além da artrose e ruptura do ligamento cruzado, sendo o fator genético e/ou traumático as principais causas destes distúrbios, o que favorece a ocorrência de fraturas ósseas (SANO, 2018). Na casuística acompanhada, a displasia coxofemoral em cães apresentou a maior prevalência, os pacientes apresentavam claudicação e intolerância ao exercício, além de sentirem muita dor durante o exame físico. Todos os casos foram diagnosticados através de imagens radiográficas em posição ventro dorsal, e a resolução seguiu a mesma premissa, onde optou-se pelo tratamento conservador, orientando o tutor sobre a dieta do paciente, optando por uma alimentação com baixo teor de gorduras e proteínas, visto que todos apresentavam

sobrepeso, com escore de condição corporal (ECC) avaliados entre 4 e 5. Além da suplementação com ômega-3, sulfato de glucosamina e condroitina. Anti-inflamatórios não esteroidais eram recomendados em alguns casos, principalmente em pacientes que eram submetidos a fisioterapia, reduzindo a dor e tornando os estímulos do tratamento mais toleráveis. A caminhada também fazia parte das recomendações, buscando o fortalecimento da musculatura adjacente a articulação.

As fraturas ósseas foram diagnosticadas através do exame radiográfico, visto que todas foram dos membros torácicos, exclusivamente do rádio e ulna, foi possível acompanhar as consultas, os exames pré-cirúrgicos e o pós-cirúrgico, visualizando através das radiografias que a osteossíntese foi realizada com placas e parafusos internos, comumente utilizado pelo cirurgião da Clínica Cães e Gatos. Também foram atendidos pacientes com luxação patelar e ruptura do ligamento cruzado, diagnosticados através do exame físico, ambos foram encaminhados para o tratamento cirúrgico, porém, foi possível acompanhar somente as consultas que antecederam os procedimentos.

Nos pacientes oncológicos, dois cães apresentavam mastocitoma, diagnosticados através da citologia aspirativa com agulha fina (CAAF), e encaminhados para o tratamento quimioterápico, visto que a localização (tórax) não permitia a exérese tumoral com margens adequadas sem comprometer a vida do paciente. Também foi atendido um cão de grande porte, senil, foi diagnosticado com hemangiossarcoma através da biopsia incisional da massa em análise histopatológica. A abordagem recomendada pelo médico veterinário foi a exérese tumoral, visto que a neoplasia estava localizada na metáfise radial distal, e apresentava proliferação periosteal acentuada, visualizado no exame radiográfico, porém, sabendo da malignidade da neoplasia, o tutor entrou em desacordo, optando por nenhuma forma de tratamento. As pacientes com neoplasias mamárias foram encaminhadas para o setor de CCPA, e realizado a mastectomia. Da mesma forma com o cão que apresentava neoplasia facial, após avaliação radiográfica, constatando que não havia comprometimento ósseo, foi realizado a exérese da massa tumoral. Todos os pacientes realizaram exames investigativos em busca de metástases, tais como: radiografia torácica e US abdominal, além de exames laboratoriais para os pacientes submetidos aos procedimentos cirúrgicos, sendo coletado o material biológico e enviado para análise histopatológica.

Nos distúrbios cardiovasculares, a doença valvar mitral foi a de maior prevalência na casuística acompanhada, comumente reconhecida em caninos, principalmente senis, a patologia normalmente está associada a endocardiose, sendo considerada uma das cardiopatias mais comuns em cães (PERIN, 2007). Visto que os pacientes apresentavam sopro sistólico e

estertores pulmonares na ausculta, foram realizados exames radiográficos, eletrocardiográficos e ecocardiografia, além da aferição da pressão arterial. Constatado as alterações hemodinâmicas, principalmente através da regurgitação mitral no ecocardiograma, iniciou-se o tratamento de suporte, baseado em diuréticos e inibidores da ECA (enzima conversora de angiotensina). Nas patologias cardiovasculares, também foram atendidos dois pacientes com doença valvar de tricúspide. Apresentavam sinais de dificuldade respiratória, porém, com sopro proveniente da valva tricúspide. O diagnóstico foi baseado no histórico, sinais clínicos, exame físico e ecocardiográfico, e o tratamento seguiu a mesma premissa da doença valvar mitral.

Dentre os distúrbios oftálmicos, a úlcera de córnea apresentou a maior prevalência na casuística acompanhada. Desenvolvida principalmente por processos traumáticos, a patologia é frequente na espécie canina (SLATTER, 2005), Antes de realizar o teste de fluoresceína para confirmar a suspeita diagnóstica, foi realizado o teste lacrimal de Schirmer, descartando a ceratoconjuntivite seca, distúrbio que pode estar associada a ulceração. O tratamento foi baseado na limpeza ocular com solução fisiológica e colírio antimicrobiano (QID, por sete dias).

A ceratoconjuntivite seca é um distúrbio reconhecido frequentemente na clínica veterinária, causada por alterações na produção do filme lacrimal, esta afecção pode estar relacionada a diversos fatores, tais como: agentes infecciosos, alterações congênitas, iatrogênica, traumas, imunomediada, entre outras. Esta condição predispõe o animal a desenvolver uma úlcera de córnea, podendo causar a perda da visão se não reconhecido e tratado rapidamente (GIULIANO, 2013). Entre os animais que apresentavam esta afecção, a suspeita clínica foi baseada nos sinais de ressecamento com secreção mucoide na superfície ocular, além da neovascularização corneana e hiperemia conjuntival. O diagnóstico definitivo foi constatado através do teste lacrimal de Schirmer, e o tratamento baseado em colírios lacrimo miméticos e imunomoduladores.

Entre os casos que haviam sinais neurológicos, o trauma crânio encefálico (TCE) obteve destaque na casuística acompanhada, o diagnóstico foi baseado no histórico de trauma acompanhado de sinais clínicos neurológicos, tais como: excitação, andar em círculos, crises convulsivas, déficit de nervos cranianos, proprioceptivos, *head press*, entre outros. A terapêutica seguiu a mesma premissa, visando principalmente a redução da pressão intracraniana (p. ex., oxigenioterapia e diuréticos), somado a terapia de suporte, variável de acordo com os sinais clínicos de cada paciente (p. ex., anticonvulsivantes, antibióticos, AINE, inibidor de secreção gástrica, colírios com ação antibiótica e lacrimo miméticos).

Dentre os animais com distúrbios do sistema nervoso, também foram atendidos pacientes caninos com suspeita clínica de doença do disco intervertebral e síndrome da cauda equina, ambos visualizados no exame radiográfico, a abordagem terapêutica foi através do tratamento conservador (p. ex., acupuntura e ozonioterapia). Também foi atendido um cão com suspeita de shunt porto sistêmico, avaliado principalmente através dos sinais neurológicos e do exame ecocardiográfico, o paciente recebeu a terapia de suporte inicial (p. ex., anticonvulsivantes, antibióticos e lactulose), protocolo mantido até a abordagem cirúrgica para resolução do caso. Além de pacientes com epilepsia idiopática, também abordados através do tratamento conservador, tais como: acupuntura e anticonvulsivantes.

Dentre os animais que apresentavam afecções endócrinas, o hiperadrenocorticismo apresentou a maior prevalência na casuística, todos os pacientes eram cães, senis, chegavam para consulta com histórico de poliúria, polidipsia e polifagia. Diagnosticados presuntivamente através do histórico, sinais clínicos e exames complementares (p. ex., US, hemograma), e confirmado através do teste supressivo com dose baixa de corticoide (dexametasona, 0,01 mg/kg, IV). Sendo diagnosticados como hipófise dependente. O tratamento foi baseado no uso de adrenolítico (trilostano, SID, VO).

Também foram atendidas duas fêmeas com eclampsia, chegaram em crise e foram tratadas imediatamente com gluconato de cálcio. Além de um paciente com diabetes melito tipo 1, apresentava histórico de poliúria, polidipsia, polifagia e perda de peso. O diagnóstico presuntivo foi baseado no histórico e sinais clínicos (p. ex., atrofia muscular, pelagem anormal, catarata e esteatorreia), e constatado através do exame laboratorial (p. ex., urinálise), e teste de glicemia sanguínea em jejum. O tratamento foi baseado na insulinoterapia, dieta balanceada, exercícios diários, e enzimas pancreáticas exógenas antes da refeição, sendo que o paciente apresentava um quadro de insuficiência pancreática exócrina associado. O paciente foi avaliado semanalmente no primeiro mês, respondendo de forma positiva frente ao tratamento estipulado.

Nas afecções gastroentéricas, a maioria dos pacientes apresentavam diarreia e vômito, dentre as infecciosas, a parvovirose obteve a maior prevalência na casuística acompanhada, os pacientes apresentavam letargia, mucosas hiporadas, anorexia. O diagnóstico foi realizado através do teste rápido em todos os casos. Os pacientes eram mantidos internados, recebendo o protocolo terapêutico de suporte (p. ex., fluidoterapia, antibióticos, antieméticos, alimentação pastosa, sulfato ferroso). Dentre os 21 cães infectados, somente três não resistiram e vieram a óbito.

Os pacientes com distúrbios gastrointestinais não infecciosos, ficavam internados em observação, o diagnóstico era baseado no histórico clínico e exames complementares (p. ex.,

hemograma, bioquímica sérica, parasitológico, US), então mantidos na fluidoterapia para reposição eletrolítica, e iniciado o tratamento de suporte de acordo com o histórico e sinais clínicos (p. ex., antiemético, protetor gástrico, inibidores de secreção gástrica, antiespasmódicos, anti-helmíntico e antibióticos).

Também foi atendido um cão com histórico de hematúria e dor abdominal, no US foi constatado uma massa envolvendo o rim esquerdo, o órgão estava aumentado, com perda da arquitetura habitual, sugestivo de hidronefrose por obstrução neoplásica. Após os resultados dos exames de imagem e laboratoriais (p. ex., radiografia, hemograma, bioquímica sérica e urinálise), o paciente foi submetido ao procedimento cirúrgico (nephrectomia), e o material biológico encaminhado para análise histopatológica. Porém, foi possível acompanhar apenas a consulta e exames pré-cirúrgicos.

Entre os casos cirúrgicos acompanhados, a OSH apresentou a maior prevalência na casuística, procedimento comum na rotina clínica veterinária, frequentemente é realizada com o intuito preventivo, seja para evitar a reprodução, o desenvolvimento de neoplasias mamárias ou patologias do sistema reprodutor (p. ex., piometra) (BARROS, 2010).

Os procedimentos de OSH em cadelas foram realizados por indicação terapêutica, ambas apresentavam piometra, inclusive um caso com piometra de coto uterino, diagnosticadas presuntivamente através do histórico e sinais clínicos, e confirmado no US e hemograma. O útero e ovários são retirados e o conteúdo presente no útero é coletado preventivamente para cultura em casos de contaminações do campo cirúrgico. Após o procedimento, as pacientes eram encaminhadas para sala do pós-cirúrgico, mantidas na fluidoterapia, onde recebiam o protocolo terapêutico instituído pelo cirurgião (p. ex., antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos), permanecendo internadas sob observação até receber alta médica.

Também foi acompanhado uma histerotomia (cesariana), o procedimento foi necessário devido a aplicação de soluções hormonais, utilizado pelo tutor para evitar a gravidez. A paciente permaneceu internada em observação por três dias, acompanhando a gestação no exame US antes do procedimento cirúrgico, com a finalidade de intervir quando a frequência cardíaca dos fetos estivesse dentro dos parâmetros da normalidade.

Outro caso cirúrgico importante, foi uma esplenectomia de um cão, o procedimento foi realizado após a visualização da anormalidade do órgão (esplenomegalia), no exame US, além de uma massa amorfa envolvendo 2/3 do órgão. A técnica utilizada consistiu na ligadura dupla e transecção dos vasos do hilo esplênico para remoção do órgão.

Durante o estágio, também foi possível acompanhar uma gastrotomia em um cão, o procedimento foi realizado com a finalidade da remoção de um corpo estranho esofágico,

localizado acima do esfíncter esofágico (cárdia). O diagnóstico foi realizado através do exame radiográfico simples e contratado. Após os exames pré-cirúrgicos (p. ex., hemograma e bioquímica sérica), o paciente foi encaminhado para a CCPA. Inicialmente, a abordagem foi através da endoscopia, visando a remoção do corpo estranho, porém, o cirurgião não obteve sucesso no procedimento e seguiu para gastrotomia.

A casuística acompanhada durante o período de estágio está descrita nas tabelas 1 e 2 a seguir, destacando o sistema orgânico, afecções e espécie acometida.

Tabela 1. Afecções clínicas e cirúrgicas acompanhadas durante o estágio curricular supervisionado em Medicina Veterinária, no período de 07/01/19 a 07/04/19 na Clínica Veterinária Cães e Gatos, separados conforme o sistema orgânico e/ou tipos de afecções e espécie acometida.

Sistema envolvido e afecções	Caninos	Felinos	Total
TEGUMENTAR			
Abcesso	2	1	3
Dermatite alérgica à saliva da pulga	3	-	2
Dermatite úmida aguda	1	-	1
Foliculite	2	-	2
Miíase cutânea	5	-	5
Otite externa	6	-	6
Pododermatite	1	-	1
Demodicose	1	-	1
Trauma cutâneo por mordedura	9	2	11
RESPIRATÓRIO			
Bronquite	3	-	3
Efusão pleural	1	-	1
Pneumotórax	1	-	1
DIGESTÓRIO			
Enterite por verminose	3	-	3
Fecaloma	-	1	1
Gastroenterite hemorrágica	6	-	6
Obstrução esofágica	1	-	1
CARDIOVASCULAR			
Doença valvar mitral	4	-	4
Doença valvar tricúspide	2	-	2
ENDÓCRINO/METABÓLICO			
Hiperadrenocorticismismo	6	-	6
Diabetes melito	1	-	1
Insuficiência pancreática exócrina	1	-	1
Eclampsia	2	-	2
GENITOURINÁRIO			
Piometra	15	-	15
Doença do trato urinário inferior de felinos	-	5	5
Urolitíase	2	5	7
Doença renal crônica	2	5	7
Hidronefrose	1	-	1

Fonte: Acervo pessoal.

Tabela 2. Afecções clínicas e cirúrgicas acompanhadas durante o estágio curricular supervisionado em Medicina Veterinária, no período de 07/01/19 a 07/04/19 na Clínica Veterinária Cães e Gatos, separados conforme o sistema orgânico e/ou tipos de afecções e espécie acometida.

Sistema envolvido e afecções	Caninos	Felinos	Total
OFTÁLMICO			
Úlcera de córnea	5	-	5
Ceratoconjuntivite seca	2	2	4
NERVOSO			
Trauma crânio encefálico	4	2	6
Epilepsia idiopática	5	-	5
Shunt porto sistêmico**	1	-	1
Doença do disco intervertebral**	5	-	5
Síndrome da cauda equina**	2	-	2
MÚSCULO ESQUELÉTICO			
Displasia coxofemoral	7	-	7
Luxação patelar	3	-	3
Fraturas ósseas	6	2	8
Ruptura do ligamento cruzado cranial	1	-	1
AFECÇÕES ONCOLÓGICAS			
Neoplasia mamária	2	2	4
Neoplasia facial	1	-	1
Mastocitoma	2	-	2
Hemangiossarcoma	1	-	1
Neoplasia esplênica	1	-	1
AFECÇÕES INFECTOCONTAGIOSAS			
Parvovirose	21	-	21
Cinomose*	3	-	3
Peritonite infecciosa felina (PIF)**	-	1	1
Vírus da imunodeficiência felina (FIV)	-	1	1
AFECÇÕES/PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS			
Ovário salpingo histerectomia (OSH)	5	3	8
Orquiectomia	1	-	1
Mastectomia	-	1	1
Penectomia	1	-	1
Histerotomia (cesariana)	1	-	1
Esplenectomia	1	-	1
Gastrotomia	1	-	1
Cistorrafia	1	-	1

Fonte: Acervo pessoal.

*Apenas diagnóstico/ **Diagnóstico presuntivo

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular supervisionado amplia o aprendizado, conecta o raciocínio lógico com as práticas vivenciadas na clínica. É uma oportunidade de aprimorar os conhecimentos, adquirir segurança e apurar o senso crítico. Os desafios impostos conduzem ao

desenvolvimento intelectual, demonstram a importância de estar atualizado e capacitado para zelar pela saúde dos animais, o que possibilita um imensurável crescimento individual, permitindo a expansão de horizontes e a construção de um profissional competente.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Patricia Monteiro de. **Técnicas de ovariosalpingohisterectomia (osh) em cadelas: revisão de literatura**. 2010. 45 p. Monografia (Mestrado em cirurgia veterinária) - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal-SP, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89037/barros_pm_me_jabo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jun. 2019.
- CAMPAGNOL, D.; TEIXEIRA NETO, F. J.; MONTEIRO, E. R.; BEIER, S. L.; AGUIAR, A. J. A. Use of bispectral index to monitor depth of anesthesia in isoflurane-anesthetized dogs. **American Journal of Veterinary Research**, v. 68, n. 12, p. 1300-1307, 2007.
- FOSSUM, Theresa Welch. **Cirurgia de pequenos animais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, cap. 5. p. 39., p.338, 2014.
- GIULIANO, E. A. Diseases and surgery of the canine lacrimal secretory system. In: GELLAT, K.N.; GILGER, B.C.; KERN, T.J. **Veterinary Ophthalmology**. 5.ed. Iowa: Blackwell publishing, 2013. Cap.16, p.912-944
- LAMONT, L. A.; MATHEWS, K. A. Opioides, Anti-inflamatórios não Esteroidais e Analgésicos Adjuvantes. In: JONES, Lumb &. **Anestesiologia e Analgesia Veterinária**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013. Cap. 10. p. 270-305.
- PAPICH, M. G. **Manual Saunders de terapia veterinária**. 3°. ed. Elsevier, Rio de Janeiro, 2012.
- PERIN, Carla. Endocardiose da valva mitral em cães. Revista científica eletrônica de Medicina Veterinária. Janeiro de 2007. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/njT5PwzLYziurIM_2013-5-24-11-37-4.pdf. Acesso em: 03 de junho de 2019.
- PIRES, J. S.; CAMPELLO, R. A. V.; FARIA, R. X.; GUEDES, A. G. P. Anestesia por infusão contínua de propofol em cães pré-medicados com acepromazina e fentanil. **Ciência Rural**, v. 30, n. 5, p.829-34, 2000.
- SANO, Daniel. **As doenças ortopédicas mais comuns em cães**. 2018. Disponível em: <<http://hvbatel.com.br/as-doencas-ortopedicas-mais-comuns-em-caes/>>. Acesso em: 04 de jun. 2019.
- SLATTER, D. Córnea e Esclera. In: SLATTER, D. **Fundamentos em Oftalmologia Veterinária**. 3. ed. São Paulo: Roca, cap. 11. p. 283-338, 2005.